

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CENTRO DE HUMANIDADES – PRAI

Trabalho apresentado por
Fabrício j. P. de Araújo, no
Estágio Supervisionado, orientado
Pelo professor Alarcon Agra do Ó.

Campina grande, maio de 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CENTRO DE HUMANIDADES – PRAI

Disciplina: Prática do Ensino da História no Ensino Fundamental e Médio;

Período; 2001.2;

Professor: Alancon Agra do Ó;

Aluno-Estagiário: Fabrício J. P. de Araújo;

Matrícula: 29713238.

RELATÓRIO

Genêro e sexualidade: fragmentos de identidade masculina no contexto da sala de aula do estágio da prática de ensino.

AGRADECIMENTOS

A Deus e Deuses que tornam possível toda e qualquer conquista;

Aos meus familiares, que, de uma maneira ou de outra contribuíram para que eu estivesse nessa etapa de minha vida;

Aos meus amigos, que, em suas conversas proveitosas ajudaram-me com seus conselhos e opiniões.

Aos professores, que ao longo do curso compartilham com nós esse longo caminho acadêmico

E a todos que eu esqueci de mencionar mas se fazem presente nesse trabalho.

MENSAGEM

“ E não esqueçamos que basta inventar novos nomes, novas apreciações para criar pouco a pouco coisas novas”

(Nietzche)

ÍNDICE

Introdução	01
Capítulo 01	07
1.1 – Discussão acerca de gênero	07
Capítulo 02	12
2.1 – Descrevendo as famílias	12
2.2 - Caracterizando a escola	15
2.3 – Os observados	18
2.4 – Ser homem, ser macho	30
considerações finais	34
Bibliografia	37
Anexos	43

INTRODUÇÃO

O presente relatório é produto, no sentido formal, de uma das 3(três) avaliações no percurso do semestre de 2001.2 da Disciplina Prática de Ensino da História de Ensino Fundamental e Médio. Mas é também um texto do qual relata minha experiência no Estágio Supervisionado, que se apresentou de forma contraditória: por um lado tinha-se a ansiedade de executar a prática pedagógica e as experiências acumuladas ao longo do curso de licenciatura em História; por outro, deparamo-nos com uma escola extremamente desfavorecida de recursos, dispondo praticamente da lousa e giz para suas atividades pedagógicas. Dessa maneira, a configuração das aulas é de características bastante tradicionais e conservadoras, sendo professor o agente do saber e o aluno passivo receptor. Isso, no meu entender, foi repassado através da apatia dos alunos na disciplina de história, que, direta ou indiretamente, tonificou a frustração ante os limites impostos pelas condições material e humana para melhor realização do trabalho da prática de ensino.

Quero ressaltar antes, que não se trata de um trabalho de pesquisa, no sentido estrito do termo; é, assim entendo, um esboço acerca da experiência vivenciada por mim no término do curso trazendo a discussão sobre gênero, no comportamento dos alunos em de sala de aula da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ferreira da Costa, localizada no município de Riacho de Santo Antônio à 70 Km de Campina Grande.

Aqui tentarei tecer o perfil da identidade masculina, no bojo do estudo de gênero, observando o comportamento dos alunos no decorrer das aulas, por mim ministradas do Estágio Supervisionado dessa disciplina. A escolha desse colégio se deu pelo fato de já exercer meu trabalho como professor. Assim, a observação não é advinda puramente de minha experiência adquirida no decorrer desse estágio.

Constituída por grupos diversos, essa escola, assim como outras, apresenta-se como um lugar de construção da identidade dos indivíduos, onde estabelece regras próprias de sociabilização e conduta, como também reproduz valores, discursos, verdades, regras consagradas sócia e culturalmente. Como observa Perez (1998), a escola é também o lugar de construção da identidade dos indivíduos, impondo o dever de fazer em cada um, um alguém; alguém com identidade, bem definida pelos cânones da normalidade, os cânones que marcam aquilo que deve ser habitual, repetido, reto, em cada um de nós. Assim, nesse relatório tentarei mostrar que essa normalidade, dentro do contexto do universo adolescente masculino, é reafirmar a sua masculinidade através de comportamentos, regras de condutas, dizeres, que vai construindo a sua identidade sexual.

Dessa maneira, o meu recorte temático recaiu sobre o estudo de gênero, salientando para a construção da identidade masculina. Mas o que chamo de gênero aqui é entendido como um conjunto de referências, do *eu* que torna possível que se reconheçam não apenas as semelhanças e igualdades entre os sujeitos sociais – homem e mulher -, mas os padrões de coerência cultural que existem em razão da diferença que os separa, as contradições lógicas e emocionais que fluem desta coexistência binária (Scott, 1989; Heilborn 1994). Trata-se de um complexo de determinações e

características que designam socialmente o que é ser masculino e feminino em determinada cultura. (Parker, 1991). A partir desse eixo, guiar-me-ei com o intuito de observar, na escola referida, como se comportam os homens dentro da sala de aula, mesmo sabendo que isso não ultrapassa o recorte temporal de seis aulas para cada turma, ou seja, minha observação restringi-se a pouco mais de 10 horas-aula, portanto, não poderia tirar daqui conclusões ou mesmo detalhar uma análise do gênero e da sexualidade desses alunos. Dessa maneira, o que se têm é o relato do trabalho de observação empírica, aliado aos pressupostos teóricos, buscando entender como o gênero influi no comportamento dos alunos dessa escola. Dito de outra forma, busco, nesse trabalho, identificar quais são as égides que alicerçam a identidade sexual desses alunos, de como eles se relacionam com outros alunos, do mesmo sexo ou de sexo oposto, de mesmo grupo ou de grupos distintos, os códigos de linguagem entre eles; enfim, o que edifica a construção da masculinidade, o que representa ser homem, 'ser macho' na sala de aula, atentando para perceber que essa identidade masculino tem um aspecto maleável; flexível, ao passo que, não depende de um conjunto ou sistema de referências do que venha a ser masculinidade e identidade sexual. Para tal, essa observação é fincada na bibliografia, selecionada por mim, em partes, e, em outra, sugerida pelo Prof. Alarcon Agra do Ó, meu Orientador nesse trabalho.

Então, esse relatório constará da seguinte estrutura: inicialmente, no primeiro capítulo, levanto a discussão que está havendo em âmbito acadêmico acerca do estudo de gênero. Em seguida, no segundo capítulo, desenvolvo minha questão propriamente dita: que é entender como o gênero influi na construção da identidade masculina nessa escola; mais especificamente, como, em sala de aula, essa identidade molda os comportamentos tido como de homens bem como os seus desvios, tido como de 'boiola,

bicha, guêi, a antítese de *'ser cabra machu'*, de referências femininas na construção da identidade sexual. E, enfim, faço minhas considerações finais, alinhando o que por mim foi observado aos eixos teóricos propostos. Concluindo que, a construção da masculinidade, da identidade sexual dos adolescentes, não se pauta em uma estrutura fixa, advindo um conjunto de valorações e condutas que determine o *'ser machu ou viado'* (homossexual). Isso dependerá do significado erótico que o sujeito atribui a sua prática sexual e à forma como percebe o papel de gênero em seu contexto.

* * * * *

Assim, esse relatório procura esboçar alguns aspectos da sexualidade masculina, bem como as formas como se organiza a construção da identidade sexual no contexto da sala de aula, com base na observação empírica durante esse Estágio Supervisionado; norteadas, evidentemente, por um arcabouço teórico, que servirá de aresta para essa discussão. Os alunos observados estão entre a faixa etária entre 14 e 19 anos, salvo algumas exceções a qual será feita sua respectiva menção. Em sua maioria são moradores da zona rural do município de Riacho de Santo Antônio, que estudam na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ana Ferreira da Costa, na qual, o turno da noite é assistido aos alunos do Ensino Fundamental, no caso desse relatório alunos da 6º série, e, no período da tarde, pelos os alunos do Ensino Médio, 2º ano para nosso caso.

O grupo com qual trabalhei é compreendido pelos os alunos da 2º série do segundo ciclo do Ensino Fundamental (antiga 6º série) e da 2º série do Ensino Médio (antigo 2º ano científico). Ambos, em seu total somam 64 alunos, com 26 alunos no

Fundamental e 38 no Médio. Em sua maioria tinham entre 14 e 19 anos, ainda dentro do nível etário assistido por esse ciclo escolar. Mas também viu-se outros grupos que tanto estavam abaixo dessa faixa etária, quanto os que a ultrapassavam. Na 6º série, havia um aluno com 12 anos e três com 13. Os que se encontram acima da faixa etária analisada é composta, sobretudo, de alunos que também trabalham para ajudar com sua renda em seus lares, é o caso da maioria desse grupo. Mas houve dois casos de alunos que trabalhavam, mas não moravam com os pais. Casaram-se antes dos vinte e ainda não tinham terminado o Ensino Médio. Em ambos os casos, o laço de união entre os jovens eram, em grande media, por causa do filho que tiveram, e, assim assumir o papel de pai e estudante, fugindo dos modelos da identidade masculina no âmbito do universo adolescente, pois esses já não compartilhavam com grupos a exposição dessa imagem de 'macho', uma vez que essa imagem concretizou-se a partir do momento do matrimônio, onde expôs socialmente a construção de sua masculinidade, incorporando a figura de pai e marido, encerrando o seu ciclo de passagem da adolescência para a vida adulta, reza o *sensu comum*.

Tem por objetivo entender o comportamento dos jovens dessa escola no tocante da construção de sua (s) identidade (s) sexual (s), bem como sugerir que as categorias de identidade sexual (homossexual, heterossexual e bissexual) têm significações, individuais e culturais, relativas e maleáveis, isto é, a construção da identidade sexual perpassa por questões simbólicas e representações complexa; assim sendo, não pediríamos unificar condutas e identidades com o propósito de demarcar os grupos, nomificá-los, afim de perceber qual deles estão mais próximo ou distantes do objeto de estudo em questão. Como generalizar comportamentos, regras morais, códigos de

intimidadas e conduta em um modelo de explicação que abrangesse as diversidades de referências e representações das categorias de identidades sexuais?

Ademais, têm por objetivo também, fornecer dados empíricos e informações que sirvam para uma futura pesquisa mais detalhada que vise o estudo de gênero e sexualidade na construção da identidade sexual entre os alunos, dentro ou fora das salas de aula.

O trabalho justifica-se em função da necessidade de levantar (porque não repensar?) não apenas visões que envolvem a masculinidade, como também questões implícitas no contexto da sala de aula do Ensino Fundamental e Médio referentes ao estudo de gênero. Nesse sentido, julgo de capital importância a análise das maneiras como se dá a escolha do objeto sexual em relação a construção da identidade, tendo como referência, adolescentes que são os alunos das séries desse Estágio Supervisionado dessa Disciplina. Minha observação pauta-se nas categorias gênero e identidade sexual.

CAPITULO 01

1.1 - Debate acerca de gênero

Pensar o gênero masculino e a identidade sexual remete-nos a questões intimamente ligadas ao padrão de comportamento sexual dos indivíduos e suas representações sobre a sexualidade, que é diferente de região para região do país, de classe social para classe social e, sobretudo, de um momento histórico em relação a outro.

Observando as classificações das práticas sexuais cotidianas nomeadas como homossexualidade, bissexualidade e heterossexualidade masculina, esbarrei-me numa realidade em que, como define Costa (1992), a homogeneidade teorizada nestas categorias, difere da heterogeneidade vivida. Se relativizarmos o contexto erótico masculino, no qual os papéis de gênero possuem regras morais relativamente flexíveis em nível das atividades sexuais, e 'ser homem' está também construído pela idéia de atividade sexual intensa; percebi, sem muita dificuldade, que ser homossexual e heterossexual (bissexualidade não foi observada como categoria de identidade sexual nesse trabalho) depende do significado erótico que o sujeito atribui à sua prática sexual e à forma como percebe os papéis de gênero em seu contexto.

Ao nos referirmos à categoria gênero, apontamos para um debate que diz respeito à concepção do que é ser masculino e feminino, homem e mulher na sociedade, aspecto que interpela a experiência sexual dos sujeitos, modela o mundo dos significados eróticos, as transações sexuais, a realização do desejo e, em algumas circunstâncias, a própria obtenção do gozo. Nesse sentido, o gênero é um aspecto maleável do eu que torna possível que se reconheçam não apenas as semelhanças e igualdades existentes entre os sujeitos sociais - homem e mulher -, mas os padrões de coerência cultural que existem em razão da diferença que os separa, as contradições lógicas e emocionais que fluem desta coexistência binária (Scott, 1989; Heilborn, 1994).

É fato que, além das características biológicas que promovem a diferença dos sexos, existe o gênero. Trata-se de um complexo de determinações e características que designam socialmente o que é ser masculino e feminino em determinada cultura. Assim, o corpo recebe uma significação sexual que é definida como referência sobre o que é ser masculino e feminino. Tal significação aparece como norma, valores, percepções, representações que acompanham a vida dos sujeitos (Giffin, 1994).

Neste sentido, gênero aciona informações sobre os homens, apesar de os estudos sobre essa categoria darem atenção especial ao lugar da mulher na sociedade, afirmando a posição de que as relações entre os sexos são sociais e culturalmente construídas, e que há diferenças nas articulações de poder. Ou seja, os estudos de gênero incluem temas que são, em geral, considerados caracteristicamente ligados às mulheres, mas não se limitam a eles. Assim, o gênero, focado como categoria sociológica, traz novas possibilidades para se pensar a questão do homem e da mulher, articulando as relações sujeito e sociedade (Scott, 1989). Ao tentarmos incluir o homem neste debate, vemos a

importância de se questionarem os papéis sociais que configuram o modelo masculino em nossa cultura, percebendo como os homens se vêem nesses papéis, como os representam e constroem a própria identidade.

Levando-se em conta os papéis sociais legados ao homem em nossa cultura, observamos que ser homem não representa a mera oposição ao ser mulher, mas ao ser um 'veado', homossexual, 'maricas', 'corno', 'bicha' -, figuras que articulam representações de feminilidade, fraqueza, impotência, subordinação, passividade (Parker, 1991). Esse fato deixa ver as formas como o homem é engendrado nesta sociedade de tradição patriarcal, ou seja, a partir de valores hegemônicos e estruturas de poder que o diferenciam da mulher e que ao mesmo tempo moldam seu comportamento. No entanto em determinadas circunstâncias padrões de comportamento tido como homossexual, como é o caso de vestir-se de mulher (no carnaval) poder-se-á configurar como masculino, dependendo do seu contexto erótico.

Os homens aprendem a valorizar a atividade sexual como algo que legitima sua identidade masculina; ser homem é desempenhar o papel de quem domina e 'penetra' outros. É muito comum, por exemplo, jovens em iniciação sexual realizarem as 'meinhas', situação em que um penetra o outro trocando de posição. Entre casais (homens e mulheres) adolescentes, também é comum o coito anal como preservação da virgindade e método contraceptivo (Daniel & Parker, 1991).

Diante deste quadro, o significado que alguns homens dão às práticas sexuais que, ao contrário de pautarem-se nas chamadas identidades sexuais (homo, hetero ou bissexual), são movidas pelo tesão. Cabe lembrar, além disso, que a casa de prostituição

(termas, 'inferninhos', casas de massagens etc.) representa, na vida sexual do brasileiro - seja ele solteiro ou casado, adulto ou adolescente -, algo visto como motivo de orgulho. É "lá onde se aprende a ser homem", diz o senso comum para os jovens em iniciação sexual. Procurar as prostitutas é não só uma conduta aceita como sendo 'coisa de homem', como também justificada como se constituindo numa tentativa de realização de fantasias sexuais, cujas esposas ou mães não poderiam realizar.

Queremos demonstrar, por meio deste estudo e com base em referências teóricas de outros, que o comportamento sexual privado do homem não se confunde com a sua identidade sexual pública, heterossexual, anunciada e representada. De fato, todo esse contexto simbólico parece encobrir verdades pouco ditas, cujas racionalizações equivocadas, as quais oscilam entre o ideológico e o biológico, ainda estão para ser avaliadas pela história da sexualidade no Brasil, e, especialmente na escola. A questão que envolve o ser homossexual, heterossexual ou bissexual em nossa sociedade passa por outras que nem sempre são racionalizadas em nível do senso comum, nem mesmo percebidas como classificações identificadoras. colocarmos em questão o contexto erótico cotidiano masculino, cujos papéis sociais possuem regras morais relativamente flexíveis em nível das atividades sexuais, perceberemos, sem muita dificuldade, que ser homossexual, bissexual ou heterossexual depende do significado erótico que o sujeito atribui à sua prática sexual e à forma como percebe os papéis de gênero em seu contexto. Percebe-se que a questão da identidade sexual pode ser uma construção intimamente ligada a práticas sexuais que se apresentam como uma expansão de estilo de vida, em virtude de desejos sexuais cada vez mais específicos, que assegura para os sujeitos um contexto de identidade coletiva, no qual encontram os pares com quem vão manter relações. Isto é, observa-se que a identidade está ligada às maneiras como o

sujeito se vê e ao lugar em que a sociedade o coloca. Portanto, a questão da masculinidade, dos jovens observados nesse Estágio, não se apresenta como um *LOCUS* pelo qual articulam-se os eixos que norteiam a edificação da identidade masculina.

CAPÍTULO 02

2.1 - Descrevendo as Famílias

Primeiramente quero ressaltar que, grande parte da observação aqui relatada, não é única e exclusivamente fruto do Estágio Supervisionado desta Disciplina, pois o colégio do qual realizei esse estágio também desenvolvo minhas atividades pedagógicas cotidianas. Assim, em grande medida, muitas das informações aqui colhidas far-se-ão parte de minhas observações e trabalhos desenvolvidos ao longo dos 12 meses como professor dessa escola. Nesse relatório ficou impossibilitado, em determinação do tempo e das circunstâncias para desenvolvimento das atividades que pretendia para a observação da Prática de Ensino, de se concretizar a aplicação de um roteiro de entrevista para melhor captar o perfil da identidade sexual dos jovens compreendido por minha observação no Estágio. Dessa maneira, esse perfil, a ser exposto adiante, é produto da observação empírica, tanto vivenciada durante o Estágio; como do cotidiano de professor, aliada ao arcabouço teórico discutido no capítulo 01.

As observações cotidianas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ferreira da Costa, no município de Riacho de Santo Antônio, à 75 Km de Campina Grande, no Cariri paraibano, possibilitou traçar um perfil da vida das pessoas que de uma forma ou de outra estão envolvida na realidade dessa escola.

A maioria das famílias dos alunos dessa escola dependem, de uma forma ou de outra, da agricultura. Por motivos da estiagem e da falta de recursos financeiros para o cultivo 'da roça', a maioria das pessoas das famílias vivem em condições econômicas precárias. Os pais, em sua maioria, vive fazendo 'biscates', alguns se deslocam para a cidade de Campina Grande e trabalham como padeiros, serventes de pedreiro, serviços em geral. Empregados ou autônomos eles ganham muito pouco. A situação destas famílias vêm se agravando, apresentando pouca, ou quase nenhuma possibilidade de sobreviverem do trabalho da agricultura. Mesmo que os homens estejam exercendo outras ocupações, na zona rural ou se deslocando para a cidade, os salários que recebem são baixíssimos, portanto, sem muitas condições de proverem sozinhos, o sustento da família.

O nível de pobreza é muito assentado, faltando dinheiro para comprar até mesmo o necessário da subsistência. Muitos adolescente só vão para escola com roupas maltrapilhas, sendo de alguns parentes que lhes fazem doações, como já me confessou alguns alunos em seus emocionados desabafos, geralmente ao final da aula. De sandálias de dedo, tipo havaiana, com o caderno e alguns livros, quando têm, na mão; são o que eles dispõe para realização de seus estudos.

Como a situação nessas condições são extremamente desfavoráveis, algumas mulheres, buscam outra forma de ajudar o orçamento familiar, desenvolvendo atividades como; costura, venda de cosméticos, fazer um 'bico' de empregada doméstica na casa de quem tem mais condições nessa cidade ou circunvizinhança. Outras, todavia, ficam em casa cuidando dos afazeres doméstico, seja porque o marido

não a permita fazer outra atividade que não aquela; seja por falta de oportunidades, já que tem filhos e casa para cuidar.

Mas que qualquer forma, poder-se-á constatar que as famílias estão, em grande parte, ultrapassando o modelo onde o homem é o único provedor. Assim, o pai não é absolutamente, o princípio da moral, da autoridade, da hierarquia, enfim, valores que mantinham a tradição e o *status* de família. Cabe salientar que, mesmo com essas mudanças percebidas no âmbito familiar, ainda não se faça presente a imagem construída do “pai” de família. Ela existe e é expressiva como referência de masculinidade.

Sem adentrar muito na questão, é sabido que com a instauração da família moderna, que se estabeleceu com a burguesia no século XVII, veio consigo inaugurar a intimidade, a vida privada, o sentimento de união afetiva entre o casal, filhos e filhas. Um dos requisitos da família burguesa, era a união em torno da mesa, como um momento de intimidade. Atualmente, esse modelo de família está se modificando. Vemos que alguns de seus costumes e hábitos, não correspondem ao modo de viver das famílias dos alunos dessa escola. A exemplo disso, é o nível de intimidade estritamente formal e/ou quase nula, expresso em diversos diálogos havidos com os alunos dessa escola em oportunidades tidas em sala de aula, como a inexistência de conversas sobre orientação sexual, uso e consumo de drogas dentre outros assuntos, e, muitos que figuram como tabus em nossa sociedade.

As mudanças de valores também se apresentam nas vestimentas. Mesmo que homens que os homens digam que as mulheres têm que usar roupa ‘*composta*’, algumas

mulheres transgridem as normas, vestindo-se de maneira que, poder-se-á, no universo masculino dessa escola, considerar como *'indecente'* e proibido para uma mulher *'direita'*.

Normas de conduta e transgressão, eixos que dominam as famílias quando lhes são atribuídos o lugar das construção da identidade dos indivíduos. Aqui, nesse ambiente familiar, o indivíduo, desde criança, agora jovem, está apreendendo o seu próprio gênero, como deve comportar-se para ser percebida pelos outros (e por ele mesmo) como masculino e feminino. Apesar de Ter constado mudanças de valores nas famílias, o rompimento dos homens e das mulheres com os modelos em que foram socializados não se dá de forma brusca.

Os comportamentos para homens e mulheres ainda permanecem, na maioria das vezes, percebidos como "naturais". Assim, a forma como as subjetividades de suas famílias, foram construídas, contribui para que, reforcem alguns papéis, como exclusividade masculina e/ou feminina. Isso se dá através dos tipos de comportamentos, os tipos de assuntos dialogados entre os sujeitos e tudo que se refere a divisão dos papéis para o que vem a ser de homem e o de mulher nessas famílias e na sala de aula.

2.2 - Caracterizando a escola

A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ferreira da Costa, foi construído em 1992 na gestão do Governador Ronaldo Cunha Lima . O terreno para a construção da escola foi doado por um morador. A escola tem 5 (cinco) salas de aula, uma cozinha com dispensa, pátio, e uma sala organizada pela a diretora que serve como biblioteca e para guardar material didático e uma outra sala que serve como diretoria. Essa escola dispõe de 04 professores, um diretor e 03 funcionários, sendo um vigilante, um “inspetor” de classe e uma “auxiliar administrativo” para ajudar na Direção. No turno da tarde, onde funciona o Ensino Médio, o horário oficial de funcionamento é de 13h15min às 17h45min, as turmas são de 1º, 2º e 3º, tendo 78 alunos matriculados. O Ensino Fundamental funciona no horário da noite, com expediente oficial de 18h30min às 22h00, com 83 alunos matriculados. Pode-se afirmar, que esse horários não são cumpridos rigorosamente, já que a maioria dos alunos são da zona rural, e dependem do transporte mantido pela prefeitura, que geralmente se atrasa no comprimento do seu horário.

Esse transporte é feito em caminhonetes adaptadas com bancos de madeira em sua carroceiria para os alunos sentarem-se, mas, infelizmente, o números de acentos são reduzidos, ficando muitos de pé durante o percurso, o que é proibido pelo o Código Nacional de Trânsito.

Nessa escola, a faixa etária por série não é linear, poder-se-á encontrar alunos de 15 a 26 anos de idade, muito embora o nível etário vá de 14 a 19 anos, no universo de minha observação. Essa escola têm uma rotina quase previsiva: o diário de classe é usado para controlar a presença do aluno(a), os materiais a qual dispõe o professor são: a lousa, giz, livro didático e caderno dos alunos. Em grande medida, isso perpassa para

a rotina pedagógica do professor que acaba por reproduzir um padrão de aula pouco dinâmico sem muita possibilidade de sair de uma pedagogia mais tradicional, onde o professor é o detentor do saber e o aluno mero receptáculo desse agente.

Dado ao nível de carência que se encontra as famílias da maioria dos alunos, a merenda passa ser um dos motivos maiores para se frequentar as aulas. Assim muitas tarefas, que os jovens não entenderam, ficam sem correções, porque chega a hora do intervalo e da merenda. Quando voltam, geralmente é outra disciplina a ser ministrada, e, o que não foi aprendido naquela aula, dificilmente retornará a ser explicado de novo

A relação entre a diretora e os professores é extremamente burocrática. E, quando conversam é sempre em tom de queixa dos alunos. Há uma falta de entendimento e diálogo entre professores e diretora e, entre alunos e professor. Pode-se dizer, dessa forma, que os professores e diretoria, tomam posições cômodas, muitas vezes, estigmatizando os alunos, o que demonstra, que a escola não trabalha com base do diálogo com o conjunto que compõe a escola. Não obstante, os conteúdos dados em aula, não fogem da cartilha imposta pelo MEC, com assuntos distantes da realidade vivida cotidianamente por esses alunos, caracterizando, neste aspecto, como postula Veiga-Neto, (2000) em uma escola tradicional, classificatória. Elas se configuram segundo Foucault (1979) como um espaço onde a reprodução de discursos são para legitimar a normalidade, a ordem imposta pelas verdades sociais, e, aos seus agentes, cabe-lhes, consciente ou inconscientemente, a defesa em relação do seu lugar de poder.

No cotidiano escolar, o namoro se torna um aspecto importante na compreensão da vivência da sexualidade. Foi observado que os namoros nessa escola é controlado

pelo o olhar da diretora. O namoro só é permitido quando se trata de uma perspectiva duradoura (apenas um casal de namorado foi observado), na entrada dos banheiros sempre fica o inspetor de sala, beijos gratuitos são punidos com advertências e roupas “muito decotadas” são “proibidas”. Nesse sentido, levar-se-á em conta a vigilância que a família exerce sobre os professores e diretora, responsabilizando-os por acontecimentos que venham perturbar o curso normal das coisas, como o namoro da filha no colégio.

2.3 - Os observados

O grupo compreendido pela minha observação foi os alunos da 2º série do segundo ciclo do Ensino Fundamental (antiga 6ºsérie), com faixa etária que vão dos 12 aos 19 anos de idade, e a 2º série do Ensino Médio (antigo 2º ano científico), com grupos que vão dos 15 aos 19anos de idade, com algumas exceções de alunos que estão fora desse nível etário em função de repetência de séries ou iniciou tardiamente suas atividades escolares; são jovens entre 20 à 27 anos que fazem parte de uma minoria nas salas. Esbouçarei o que norteia a construção da identidade sexual desses grupos, a partir de seus comportamentos dentro da sala de aula que levam a eles afirmarem o que vem a ser um sujeito masculino. A fala, os gestos, e entonação de voz, tudo isso serão indícios para melhor compreensão acerca do que eles consideram masculinidade, ser homem e o que seja necessário para tal.

Como já expressei anteriormente, a maioria dos alunos são advindos da zona rural, onde os valores do patriarcado fazem-se presentes por meio dos enunciados dos jovens. A exemplo disso vê-se, nesses jovens a crença de que mulher direita é mulher para namorar e casar, é mulher casa; e que mulher da rua e de festa é só para '*ficar*', ouvido por mim diversas vezes quando perguntava-lhes quem era a mulher ideal para eles manorarem. Percebe-se aí uma clara distinção entre as mulheres que ocupam espaços públicos, tradicionalmente um lugar ocupados por homens, e, as que circunscrevem-se em espaços privados, mulheres direitas, mulheres de casa, ideal para o matrimônio.

Mas isso não permeia de forma clara os alunos da 6ª série, já que convivem em um universo que não têm perfeita distinção entre o que é ser homem e menino. Nessa fase eles ainda não têm muita clareza dos papéis de gênero em sua identidade. Para eles brincadeiras e desejos convivem tão proximamente que não há uma linha que defina entre o limite de um e o início do outro.

Essa sala da 6ª série têm 26 alunos, sendo 14 homens e 12 mulheres, todos na faixa etária entre 12 e 18 anos. Não existem critérios para o lugar que eles ocupam com as carteiras na sala, os alunos, como alunos menos "aptos" para se sujeitar as normas dentro da sala de aula. Mas, claro que isso não é tão linear quanto parece; essa organização não é regra nem muito menos é feita em todas as salas. Descrevo isso partindo das notas de quem senta na frente da sala comparando das que sentam no meio e atrás da sala, onde foi percebido que: as notas de quem senta na frente tendem a serem ligeiramente mais alta do que os que sentam no meio, que por sua vez tendem a serem

mais altas dos que sentam atrás. Não pretendo desenvolver nenhuma “teoria” sobre os lugares ocupados pelos alunos em sala, mas apenas delinear as zonas existentes nas salas de aula dessa escola

Um fato curioso é que geralmente ao final dos bimestres, os alunos do “fundão” buscam acolhimento dos que sentam na frente, na procura de melhorar o seu desempenho. Pode-se afirmar que os alunos que sentam na frente estão dentro da faixa etária exigida como ‘padrão’, ou seja, são alunos que ainda não repetiram de ano e tem desempenho satisfatório nas avaliações. Os do “fundão” são alunos que tem um histórico escolar recheado de repetências e notas abaixo da média. Vê-se aí também alunos que trabalham, e, a propósito, não estão na escola como única fonte de dedicação, pois, com a sua renda que eles ganham no trabalho, ajudam no sustento de suas casas. Em função do trabalho, o tempo que esses alunos dispõem é restrito, comprometendo assim seu desempenho dentro de sua rotina escolar. Pude constatar que esse alunos, embora o nível de aprendizagem esteja aquém do esperado, não interferem o decurso da aula, com brincadeiras e insinuações que façam os outros rirem e, assim desviar atenção do assunto lecionado.

Os alunos que se encontram nas primeiras filas da sala, tem um comportamento menos extravagante dos que sentam nas filas de trás da sala. São carteiras ocupadas, em sua maioria, por meninas. Sempre se dirigem ao professor pelo o título, e não pelo nome, como é de praxe dos alunos que sentam atrás. Pedem licença para saírem de sala e se apresentam muito tímidas em suas falas e comportamentos.. poder-se-á então perceber que elas estão dentro dos padrões que indicam as referências de feminilidade no contexto em que se inscrevem..

Elas introjetam valores que são sinais da perpetuação da divisão dos gêneros. Para que se desenvolva qualquer senso de identidade, elas se identificam como mulheres, no que fazem, no que dizem, como se comportam aparece o que é tido como próprio de menina (ser comportadas, falarem pouco para evitar muito a sua exibição ao público, etc.). Os meninos que sentam também na frente, obedecem à lógica da normalidade: comportamento que os identificam como homem, sendo que, um “homem direito” diferente dos ‘*bagunceiros*’ que sentam atrás e ‘*não querem nada com a vida*’, segundo seus relatos, confidenciados a mim em diversas ocasiões, geralmente, ao término das aulas, esse meninos estão na tradição do patriarcalismo, no qual a imagem de “homem decente” ainda permeia como referencial de masculinidade (Heilborn, 1984)

Mas para ambos os grupos de meninos (que sentam na frente e os que sentam atrás), o que constatei, em seus discursos, é que os eles identificam-se com os modelos de masculinidade impostos social e culturalmente. O reforço a priori que vêm recebendo no ambiente familiar e escolar e nas relações sociais, os levam a reproduzir as regras vivenciadas e a assimilarem modelos viris, centrais na aquisição de um estatuto para a identidade masculina.

Esse estatuto, dentro do contexto da sala de aula, adquire contornos próprios, particular ao grupo do qual o sujeito está inserido. Alunos da 6º série que estão entre os 14 e 16, têm um modo diferente de expressar sua identidade masculina, dos alunos do 2º ano: nos primeiros, essa identidade é revelada, entre outras formas, através de brincadeiras que venha contrapor a autoridade do professor, como jogar papel nos alunos e até no próprio professor, chamando a atenção de todos para a sua transgressão

que é um sinal de masculinidade ante aos outros, uma vez que, essa transgressão é vista como uma imposição de sua autoridade, em contraposição à do professor, dando a tona de sua coragem e valentia, mesmo que para transpor a ordem da sala, é um sinal de masculinidade, ao passo que, *'só cabra machu têm coragem'* de afrontar o professor. Enquanto, no segundo grupo (dos alunos do 2º ano), essa masculinidade é expressa por meio de piadas; contado por um pequeno grupo que ao final ecoam-se gargalhadas de tom elevado, transgredindo também o decurso da aula; por meio de perguntas de duplo sentido, geralmente com o intuito de questionar a masculinidade do professor; dentre outras formas de expressão de sua identidade. Embora expresso de formas diferentes, pode-se perceber aqui que o comportamento de transgressão à ordem estabelecida em sala de aula, é tido por esses alunos como um sinal característico de sua masculinidade.

O ato de ser convidado a se retirar da sala pelo professor também revelou-se um componente de indicação de suas masculinidades. Muitas vezes, quando o aluno é posto para fora de classe, ouvi-se os murmuros *'esse caba é doído; esse caba têm coragem'*, mas em ambas as vozes, observa-se à idéia de transgressão como componente da identidade masculina.

Embora a proposta dita no trabalho seja a observação dos comportamentos dos meninos em sala de aula na construção da masculinidade, essa observação ampliou-se para além dos limites da sala. Também observei o comportamento dos alunos na hora do intervalo (recreio) no pátio dessa escola, por julgar que era nesse horário que os alunos mais liberdade de se expressarem, pois não encontram uma ordem tão clara quanto na sala, e, assim têm posturas diferenciadas das que têm em aula, mesmo que

haja a vigilância do inspetor. É aqui onde as brincadeiras denunciam um pouco do papel de gênero influencia na edificação de suas identidades sexuais.

No caso dos garotos da 6ª série, após a merenda eles dividem-se em grupos, geralmente por grau de intimidades, que por sua vez relacionam-se com outros de sua faixa etária. Para os mais velhos, a hora do recreio significa o momento de prosar com o (s) amigo (s), de dá uma volta pela escola trocando olhares furtivos com as meninas. É nesse grupo onde encontrar-se-ão, com mais facilidade os '*malaca*', '*enxeridos*' ou simplesmente '*resenhadores*', como chamam as meninas. Trata-se de jovens homens que tentam fazer valer o seu lado de "conquistador", onde ele é a representação da imagem de "valente, penetrador, '*enxerido*'" em oposição à imagem de sensível, frágil, obedientes dada as meninas.

Olhares, sorrisos, carícias mais ou menos ousadas, essencial no jogo de erotismo e sedução, confere ao homem aquisição de maior ou menor poder de conquista. Furtar-se a essa atividade febril do corpo, ou sentir-se mal diante da expectativa de que ela assim se processe, é motivo de grande inquietação para eles, levando-os a se perguntarem se são realmente homens (Heilborn, 1998). Por outro lado, a reivindicação feminina é de uma aproximação mais sentimental e menos física. Há uma expectativa nelas de gerar um vínculo mais permanente, o que vai marcar significativamente o contraste entre os dois gêneros.

Os meninos '*enxeridos*' demarcam o seu lugar de homem através desses jogos eróticos de sedução, muito embora isso não leve a conclusão de que esse jogo erótico tem a função de marcar o começo de um relacionamento, mas sim de demonstrar o seu

estatuto de virilidade e erotismo conferido a eles. Mas cabe a mulher se der ou não a esse jogo de conquista, cabe julgar em que momentos ela pode conceder uma intimidade corporal maior, manejando o seu “capital simbólico” de honra, afastando ao possível a imagem de mulher fácil, uma vez que essa imagem traz consigo o estigma de mulher desvalorizada socialmente, portanto ruim para uma relação mais duradoura. Mas na 6ª série as expectativas de um relacionamento mais longo, não é características marcantes do universo erótico desse grupo. Ainda se vêem muito como ‘meninos’, sem muito compromisso com suas brincadeiras e jogos eróticos. Desse modo,

No 2º ano o número de alunos é maior e a identidade dos sujeitos já têm contornos mais claros e específicos. No total somam 38 alunos, sendo 17 homens e 21 mulheres, com faixa etária que variam entre 15 e 29 anos. Aqui, deparei-me com uma situação diferente da 6ª série_ o maior número de mulheres do que de homens. O que veio trazer distinções nos comportamentos e no clima do ambiente dessa sala, onde as vozes femininas impunham-se ante o sussurro dos homens.

Aqui também podemos seguir a lógica para ordem na divisão dos assentos dessa sala_ a divisão por “capacidade de aprendizagem”, que também o é sexual, pois a maioria das carteiras ocupadas na frente da sala, são de quase exclusividade feminina. Assim as carteiras de trás ficam como que reservadas aos homens ou mulheres que estão fora da faixa etária do ciclo escolar. Aqui ficou um tanto mais complexo traçar o perfil da sala, já que os grupos, embora mais claros, eram também mais diversos.

Vamos delinear-los por idade: os adolescentes e os jovens. Os primeiros estão entre 15 e 19 anos; enquanto o segundo fica entre 20 aos 29 anos (havia apenas um aluno

com essa idade). Uma diferença bem definida neles é que, os mais novos, em seus comportamentos dentro da sala, na busca de suas identidades, ou da afirmação dela, se portarem de maneira mais exitada, procurando sempre chamar a atenção dos demais como forma de reconhecimento deles, seja falando alto, seja tentando desviar o decurso da aula, mas, enfim, afirmar-se-á que o seu comportamento é norteado pela a idéia de transgressão como forma de se afirmarem dentro do grupo ou enquanto indivíduos como é também o caso da 6ª série). Enquanto os mais velhos têm uma postura mais contraída e tímida, não perguntando sequer quando não estão entendendo o que está sendo ministrado na aula. Em sua maioria são 'repetentes' de outras séries ou trabalham além de estudarem.

Os repetentes querem logo terminar o ritual escolar e, assim, a sua postura não é mais de chamar atenção por meio de brincadeiras e zombarias, que intervém o ritmo da aula. Os que trabalham, ao modo dos 'repetentes', estão mais preocupados em terminar o quanto antes sua fase de estudante e poder ter em mãos o seu título se concludente do segundo grau. Sem falar de que ambos já não mais precisam afirmar-se perante os outros, pois sua fase de adolescente, que vê nesses jogos uma maneira de se impôr, já foi ultrapassada, já não necessitam de se afirmar através de algazaras promovidas em sala, pois dispõe de outros mecanismos para essa afirmação.

Em aula, o lugar de onde é advindo a maior concentração de alunos 'bagunceiros' é o meio da sala. Aí é o intermédio entre a ordem e a transgressão, já que encontram-se, em um mesmo espaço, tanto os que fazem o modelo de bom aluno; como os de mau aluno, no sentido comportamental do termo. Primeiro porque não há lugares suficientes para os alunos tidos como bons. Segundo porque aí encontram-se os alunos

que não fazem parte dos grupos dos mais velhos, que estão sentados nas últimas filas, ou seja, ver-se alunos que nem obedece a um padrão nem ao outro de comportamento. São deles de maior necessidade de auto-afirmação, promovendo atitudes que chamem a atenção dos demais, em uma busca de se mostrar como *'cabra macho'*.

Foi desses adolescentes que pude melhor observar a vontade auto-afirmação de sua identidade sexual. Poder-se-á afirmar que seus comportamentos revelam dois aspectos: primeiro, as brincadeiras dos homens, dentro e fora de aula, são violentas, tanto do sentido da fala, como das atitudes; segundo, os meninos subjetivam um modelo de masculinidade já consagrado socialmente, alicerçados em estigmas como de conquistadores, mulherengos, entre outros. Tentam envolver e seduzir as meninas por meio de seus jogos eróticos, como forma de afirmação de sua virilidade. Essas valorações ligadas ao masculino, são veiculadas pelos meninos, sob a forma de ditados, piadas, aprendidas e reproduzidas no processo de socialização deles como referência ao ser "masculino".

Esses valores introjetados pelos os meninos são sinais da divisão do gêneros masculino e feminino vivenciados cotidianamente. A identidade é a experiência individual do papel sexual. Para que se desenvolva qualquer senso de identidade, eles se identificam como homens, no que dizem, no que fazem, do que gostam, conforme características predominantes na sociedade.

Como no outro caso, esses valores masculinos são melhores expostos pelos os meninos na hora do intervalo.

Depois deles terem se fartado com a merenda, onde a fila esconde os diversos tipos de grupos, eles vão se constituindo de forma mais evidente. Também aqui se verá como critérios de união: à intimidade entres eles e o nível etário compartilhado de forma mais ou menos homogênea: os mais novos com os mais novos, mais os velhos com mais os velhos; salvo raras exceções que não foi aqui constatadas.

Nesses grupos, os jovens falam sobre a (s) mulher (es) decente (s) e mulheres 'da rua' para eles namorarem ou 'ficarem'; intimidades alheias; suas aventuras sexuais dentre outros temas. O nível de erotismo aqui é mais assentado do que os alunos da 6º série, uma vez que, teoricamente, eles adquiriram mais experiência por serem mais velhos. Fato é que, como esse grupo é bem mais visível a busca da intimidade entre os esses jovens.

A busca por um relacionamento se faz mais visível. Quando estão em sala, os alunos organizam bilhetes (chamado por eles de 'torpedos'") para enviarem as garotas. O conteúdo desse bilhetes sugerem um intensidade mais acentuada no uso de seus atributos eróticos. Quando estão fora de sala, encerram-se os 'torpedos' e inicia-se a 'resenha'. 'Resenha' é entendida como o jogo de sedução oral promovido pelo o homem com a finalidade de conquistar o seu objeto de desejo, nesse caso a mulher. É nessa 'resenha' que se observa os comportamentos que enfatizam sua masculinidade. Falar com segurança, evitar brincadeiras que dê idéia de transgressão ao modelo de '*homem direito*', são, dentre outros, alguns dos aspectos que fazem valer sua autoridade de homem sobre a mulher. Desse modo, os contatos corporais mais íntimos, assim como dispor do corpo como um bem desejável, são medidas necessárias para manter o interesse do homem em prosseguir com a relação. Uma gradação de sucessivas

permissões acentua o fato de ser a virgindade o ponto central da negociação. O modelo tradicional de relações de gênero, no qual a assimetria entre os mesmos não é posta em questão, pois o que identificam os meninos com os modelos de masculinidade é fincado no modelo patriarcal de sociedade.

Foi observado também, não com o grupo do 2º ano, na hora do intervalo, um comportamento que seria tido como “indecente” com relação à imagem tida como masculina para esses jovens. Trata-se de uma cena difícil de ser descrita, pois incorre no erro de se transformar em exposição vulgar e leviana de um comportamento talvez “maroto”, sem muitas “intenções”.

Em um grupo de cinco garotos (todos entre 14 e 16 anos), na hora do intervalo, foi observada a seguinte situação: eles praticavam uma brincadeira de pega, ou “toca”, que consiste em um dos garotos ficar como agente enquanto corre atrás dos outros para transferir a responsabilidade de ser ‘toca’. A função do que foi tocado será agora tocar em outro e assim dá continuidade a brincadeira: um toca no outro, que corre para tocar em outro, sucessivamente. Até agora nada de particular nessa situação, já essa brincadeira é feita dessa forma mesmo. A particularidade que chamou atenção foi que, ao invés deles se tocarem pelos braços, como normalmente acontece, eles se tocavam, com os dedos, pelo ânus. Quem era o “toca” tinha que correr atrás de outro e repetir o ato e dá seguimento a brincadeira.

O que marcou atenção foi pelo o acontecimento do ato de se tocarem em uma parte do corpo, que para a masculinidade representa um tabu. Vê-se aqui um inversão da ordem: o que deveria indicar um desvio da conduta masculina é tido como “normal”;

poderia dizer mesmo de “lúdico” no sentido de sua execução. Pôr o dedo no ânus do outro não é tido como um desvio de padrão de comportamento da masculinidade tanto entre esses garotos como pelos os outros que os observavam. Esses garotos brincado dessa forma, não foram reprimidos nem advertidos por ninguém por eles estarem se comportando daquela forma. Em outra circunstância isso teria sido levado como desvio de conduta da identidade sexual desses jovens, já que esse ato é reservado para quem tem uma opção sexual norteada por outros eixos que não sejam de masculinidade. O que deveria ser coisa de *'viado'* não o é.

Aqui volto ao primeiro capítulo para levantar a discussão de que a questão da identidade sexual dos sujeitos não está ligada intimamente à uma estrutura fixa, que dariam referências do que vem a ser a masculinidade ou a feminilidade no universo socialmente estabelecido; está, antes, ligada aos atributos eróticos que os indivíduos dão as suas experiências. Assim, gênero é uma categoria maleável e flexível, cujo os papéis sociais é relativamente plástico no tocante de suas práticas sexuais. Em outra situação, dependendo do atributo erótico que esses garotos davam a essa brincadeira, isso poderia ter maiores consequências para eles, pois correriam o risco de serem estigmatizados como *'viados'*, o que constitui uma oposição ao *'macho'*. Dito de outra maneira, as suas identidades sexuais de homens seriam postas em cheque caso esse garotos dessem outros atributos eróticos a essa brincadeira: ela ao ser executada em outro contexto ganhará interpretação diferente da que recebe na escola com os amigos. Em outras situações esse toque do *'toca'* poder-se-á ser considerado como transgressão do estatuto masculino, conferindo a quem o recebe a imagem de *'boiola, viado, bicha'*, pois este desviou-se do padrão de comportamento masculino em uma sociedade tão balizada pelos os valores patriarcais que a permeia. Portanto, como demonstra Parker (1991), a questão da identidade sexual pode ser uma construção intimamente ligada aos atributos

eróticos dos indivíduos em suas práticas sexuais. Assim, esse caso evidencia esse postulado da flexibilidade da construção de masculinidade, em que a identidade não é medida por conjunto fixo ou um sistema acabado que determinam o que é ser homem e ser mulher no contexto social. Mas sim um aspecto flexível, com o qual os homens constroem sua identidade norteada pelos os significados eróticos que eles dão em suas práticas sexuais.

2.4 - Ser homem, ser 'macho'

Em nossa sociedade, encontramos várias áreas do conhecimento, explicações sobre a vivência da masculinidade e feminilidade, fundamentadas quase exclusivamente, em características físicas e naturais. A identidade do gênero está intrinsecamente ligada ao discurso cultural, assim o que é considerado masculinidade e feminilidade difere de uma cultura para outra como já enunciada no capítulo 01. O gênero é apreendido através de uma conjunção de fatores que contribui para construir os sujeitos como homens e mulheres: ditos falas, comportamentos fazem parte desse repertório que levam a construção da identidade sexual dos indivíduos, e, afirmar-se-á que eles são entendidos socialmente como “naturais”, apropriadas para homens e mulheres.

As relações de gênero constituem as identidades, as subjetividades masculinas, e também femininas, às quais se manifestam em concepções de vida, significações e em experiências individuais e coletivas.

Nas palavras de Foucault (1988) o sujeito emerge através das descrições, às quais estão enredadas nas relações sociais. São várias as experiências significadas pela linguagem, constitutivas do sujeito. É através das narrativas que se aprende a ser homem e ser mulher. No processo histórico, os sujeitos vão se constituindo através das experiências desenvolvidas e significadas, assumindo a importância bastante particular na construção da identidade sexual.

A adolescência é uma época de tensão porque se depara com o “amadurecimento” sexual. Esse tempo não pode ser compreendido como um fator “natural”, produto apenas da maturação biológica. Nessa fase, a busca de modelos identificatórios é fundamental para a construção da identidade. Muito embora esses modelos não estejam apresentados como fixos e universais. É característico do adolescente uma exacerbada sensibilidade em relação a sua auto-imagem e a sua auto-estima, intrinsecamente relacionada aos reassuramentos que fornecem outras pessoas e grupos sociais.

A vigilância e o controle da sexualidade se tornam na vida dos meninos dessa escola, como forma de classificar suas condutas, como menino “macho” e/ou “efeminado”. Parafraseando com Veiga Neto (2001), na escola a classificação também se faz necessária, com a intenção de tipificar, nomificar os comportamentos, estilos, grupos sociais para dar-lhes o lugar de desvio da fronteira do que é tido como normal e

anormal segundo os padrões virgêntes de conduta. De forma latente ou manifesta, essa classificação se fará presente em suas trajetórias de vida

A identidade sexual é definida por configurações de traços relacionados à aparência e à conduta. As atitudes dos meninos denunciam a exigência de comportamentos cabíveis ao gênero masculino. A partir do corpo, dos gestos, atitudes, risos são definidos o gênero.

Portanto, percebe-se, em grande medida, que o gênero é apreendido via família, que perpassa aos seus filhos como sendo algo “natural”, onde homens e mulheres tem um papel bem definido nessa divisão sexual das identidades.

Ao adentrarem no ambiente escolar, os meninos passam a receber uma noção de que sexualidade é algo individual e cada um guarda para si, sem comentários, sem vivenciá-la na escola. Isso foi constatado em função da total ausência de debates e trabalhos nas disciplinas acerca da sexualidade e orientação sexual para os alunos.

Assim, os meninos identificam-se com os modelos de masculinidades impostos socialmente, no entanto, não os vivenciam totalmente. O reforço que vêm recebendo a priori no ambiente familiar e escolar e nas relações de gênero os levam a reproduzir as regras vivenciadas e a reproduzirem modelos viris. Valorações como corajosos, conquistadores, até violento, ligadas ao masculino, são vinculadas pelos meninos sob a forma de ditos, piadas aprendidas e reproduzidas no processo de sociabilização dos meninos como referência cotidiana ao ser “masculino”. Portanto, o modelo de masculinidade aqui nessa observação é edificado sob à égide da dicotomia masculino

versus feminino, pela qual um representa uma oposição “natural” ao outro. Contudo, não se pode impor uma masculinidade e uma feminilidade aos sujeitos pura e simplesmente, pois, tendo em vista que os vários enunciados do que é ser homem e ser mulher, circulam e os sujeitos vão se constituindo nas relações sociais, introjetando vários modelos de masculinidade e feminilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de ensino, na etapa do Estágio Supervisionado, foram partes de elementos de reflexão não apenas no tocante teórico da experiência, mas também no cotidiano de professor e minha postura ante à prática pedagógica. Certamente, orientar-me-á em minha vida profissional, o Estágio fez-me considerar alguns caminho a ser trilhado diferente do que percorria. Também trouxe-me um novo objeto de estudo a ser analisado amiúde em minha pós-graduação. Mas também, o Estágio foi recheado de inúmeras dificuldades, tanto no que diz respeito aos impêrcilios das disciplinas; quanto aos problemas na realização do Estágio. o que não cabe enunciá-las aqui.

Estudando as relações de gênero , através da observação empírica aliada à eixos teóricos, percebemos que a identidade masculina não é pautada em um conjunto harmônico e definitivo de referências que orientem a construção dessa identidade.

Foi constatado que os homens reproduzem um modelo de representação da masculinidade através de dois aspectos: 1 – na sala, a idéia de transgressão à regra, bem como comportamentos até certo ponto violentos, estão ligados à essa representação, tanto em relação à auto-afirmação, como de sua auto-estima diante dos demais; 2 - o jogo de sedução, em seu contexto erótico, com todo seu ritual de “conquista” (fora e dentro das salas de aula) confere estatuto de masculinidade aos jovens dessa escola.

No tocante da sexualidade, essa escola apresenta-se como um lugar de edificação de identidade para esse jovens. Perante o olhar dos outros, eles introjetam sua própria vivência sexual dando significados pessoais que dão referências de seu papel de gênero, enquanto homem. Mas isso não quer evidenciar que essa escola incentive a sexualidade dos alunos. Ao contrário, ela assume configurações do modelo tradicional de educação, pela qual a questão da sexualidade e da orientação sexual não é alocada em seus parâmetros curriculares.

Ainda em relação aos alunos observados no Estágio, constatamos que os valores repassados no ambiente familiar e escolar não correspondem totalmente à vivência desses jovens. Entretanto, eles, mesmo reelaborando conceitos, vivendo suas sexualidades, acabam por rechaçar modelos consagrados socialmente, sem fugirem da estereotipias, através das experiências que vão desenvolvendo.

Os atributos de masculinidade nos quais estão respaldados na agressividade, valentia, e conquista. A figura do “macho”, que costuma edificar o homem, encontra respaldo na realidade concreta. Vimos que esses jovens tendem a provar sua masculinidade, através de atitudes como: falar alto em sala de aula, interferir no seu decurso através de “brincadeiras” que chamem atenção dos demais, conversar sobre mulheres com os amigos, usar do jogo de sedução como atributo de masculinidade. Separam perceptivelmente entre o amor e sexo como prova de que não se envolvem se envolvem emocionalmente com as mulheres, o que para eles (o grupo do 2º ano especificamente), é uma prova de virilidade

O que deduzimos disto foi que, talvez as condições para construção da identidade sexual desses alunos se edificam em significados e atributos de masculinidade que têm papéis sociais de regras morais relativamente flexíveis, na qual ser homem ou ser “bicha” (homossexual) dependerá do significado erótico que os sujeitos atribui à sua prática sexual e à forma como percebe os papéis de gênero em seu âmbito.

Em suma, o nosso relatório nos fez detectar que, as concepções e valores e valores sociais quanto ao gênero são subjetivados pelas pessoas, independente do local a que pertencem. No espaço dessa escola há afirmação e contraposição dos papéis de gênero.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. I. M. de., 1996. Masculino/ Feminino: tensão insolúvel. Rio de Janeiro: Rocco.

ALVES, M. & PITANGUI, J., 1995. O que é Feminismo. São Paulo: Brasiliense (Col. Primeiros Passos).

ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. ; MEDRADO, B. U., 1998. Homens e Masculinidades: outras palavras. São Paulo: Editora.34.

AQUINO, S. L. de., 1980. História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades Medievais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

BADINTER, E., 1995. Sobre a Identidade Masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOLOGNE, J. C., 1990. História do Pudor. Rio de Janeiro: Elfos.

BRUSCHINI, C. & HOLLANDA, H. B. de (Orgs.), 1998. Horizontes Plurais: novos estudos de Gênero no Brasil. São Paula: Editora 34.

CHIZOTTI, A., 1991. PESQUISA EM Ciê4ncias Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez.

COSTA, J. F., 1992. A Inocência e o Vício: estudos sobre homerotismo I. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____, 1995. A Face e o Verso: estudos sobre homoerotismo II. São Paulo: Escuta.

_____, 1989. Ordem Médica e Norma familiar. 3 ed.. Rio de Janeiro: Graal.

COSTA, M., 2000. Escola Básica na Virada do Século: cultura, política e currículo. São Pauli: Cortez.

FALCONNET, G. & LEFAUCHEUR, N., 1997. A Fabricação dos machos. Rio de Janeiro: Zarah.

GIFFIN, K., 1992. Nosso corpo nos pertence: a dialética do biológico e do social. Cadernos de Saúde Pública, 7:190-200.

_____, 1994. Esfera da reprodução em uma visão masculina: considerações sobre a articulação da produção e da reprodução, de classe e de gênero. Rio de Janeiro: Physis.

FOUCAULT, M., 1982. História Da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

_____, 1984. HISTÓRIA DA Sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal.

_____, 1985. História da Sexualidade III: o cuidado de so. Rio de Janeiro: Graal.

_____, 1997. Vigiar e Punir: história das violências nas prisões. Petrópolis: Vozes.

GIDEDENS, A., 1993. A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

HEILBORN, M. L., 1994. De que gênero Estamos falando? Sexualidade, gênero e sociedade, 1:1-8.

_____, 1995. O que faz um Casal ? conjugabilidade e igualitarismo em camadas médias urbanas. São Paulo: Loyola.

PARKER, R., 1991. Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller.

_____, 1994. A Construção da Solidariedade: Aids, sexualidade e políticas no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

PILETTI, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

MATOS, C. J. de. & NUNNES, C., 1998. História do Brasil. São Paulo: Nova Cultural.

RAGO, M., 1987. Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar. 2ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SCOTT, J., 1989. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. São Paulo: Columbia University Press, # 4, Tradução SOS Corpo.

SANT'ANNA, D. B. de., 1995. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade.

SILVA, H. R. S., 1993. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

SILVA, T. T. da, 1995. O sujeito da Educação: estudos foucaultianos. 2ed., Petrópolis: Vozes.

VAINFAS, R., 1989. Trópicos dos Pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Campus.

VEIGA-NETO, A., 2001. Incluir para Saber. Saber para Excluir. Campinas: Proposições.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

ANEXOS

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Ferreira da Costa

Disciplina: História

Período: 2001.1

Coordenador da Prática de Ensino: Alarcon Agra do Ó.

Orientador: C

Estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Universidade Federal da Paraíba – campus II

PLANO DE AULA

Campina Grande, maio de 2002.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 6º série.

Plano de Aula # 1.

Assunto: As civilizações Pré-Columbianas;

Tema: O Império Asteca.;

Objetivo Geral: Promover o debate a cerca da importância da civilização asteca dentro do contexto da história cultural da América Espanhola;

Objetivos Específicos: Atentar para o alto grau de desenvolvimento da cultura asteca;

Enfatizar as singularidades cultural dessa civilização no tocante de sua religião.

Destacar o elevado nível de organização social desse povo;

Enfatizar o choque cultural (estranhamento) que se deu com o encontro da cultura asteca com a cultura européia e, especificamente, espanhola;

Evidenciar a violência no processo de colonização sobre esse povo;

Conteúdo: A chegada do europeu na América espanhola;

O encontro de culturas tão distintas;

A violência promovida pela colonização;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo:
Moderna.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 6º série.

Plano de Aula # 2.

Assunto: As civilizações Pré-Columbianas;

Tema: O Império inca;

Objetivo Geral: Instigar o debate sobre a importância da civilização inca dentro do contexto da história cultural da América Espanhola;

Objetivos Específicos: Salientar para o alto grau de desenvolvimento da cultura inca;
atentar as singularidades culturais dessa civilização no tocante de sua religião e crenças.

Destacar o elevado nível de organização social desse povo;

Enfatizar o choque cultural (estranhamento) que se deu com o encontro da cultura asteca com a cultura européia e, especificamente, espanhola;

Evidenciar a violência no processo de colonização sobre esse povo;

Conteúdo: A vinda de Pizón;

A busca do ouro;

O esplendor incáico;

Encontro de culturas tão distintas;

A violência promovida pela colonização;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 6º série.

Plano de Aula # 3.

Assunto: Conquista e colonização da América nos séc. XVI à VVIII

Tema: América espanhola ou a conquista da Espanha?;

Objetivo Geral: Implementar a discussão sobre o processo de colonização, suas características e conseqüências;

Objetivos Específicos: Compreender de como de deu o processo de colonização na América espanhola;

Enfatizar as singularidades cultural dessa civilização no tocante de sua religião.

Destacar a visão eurocêntrica nos livros didáticos.

Evidenciar a violência no processo de colonização sobre os povos americanos;

Promover uma análise das conseqüências da colonização espanhola.

Conteúdo: A chegada das “Índias” pelo o outro lado;

Os interesses mercantilistas na colonização;

O tipo de colonização espanhola;

Algumas consequências da colonização;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo:

Moderna.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 6º série.

Plano de Aula # 4.

Assunto: O expansionismo europeu;

Tema: Políticas mercantilistas na Europa do séc. XVI ao XVII.;

Objetivo Geral: Entender como se deu a construção do processo de (ou sistema) mercantilismo na economia, bem como a sua importância para o advento do capitalismo;

Objetivos Específicos: Discutir o que possibilitou a existência do mercantilismo enquanto modelo econômico;

Atentar para a discussão historiográfica na compreensão do mercantilismo como categoria discursiva em seu contexto histórico;

Enfatizar as singularidades do mercantilismo como evento histórico;

Destacar o mercantilismo como elemento precedente par implementação do sistema capitalista de produção;

Conteúdo: características gerais do mercantilismo;

A prática da economia mercantilista;

Os tipos de mercantilismo europeu;

Sistema colonial de comércio;

Pacto colonial;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo:

Moderna.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 6º série.

Plano de Aula # 5.

Assunto: O Império Inglês;

Tema: Expansão ultramarina inglesa;

Objetivo Geral: Promover o debate a cerca da expansão da Grã Bretanha atentando para suas conseqüências para outras nações;

Objetivos Específicos: Destacar para a edificação de como a Grã Bretanha transformou-se em um potência marítima;

Enfatizar que os interesses privados sobrepuja o respeito sobre outros povos e nações;

Evidenciar a violência no processo de expansão desse país;

Conteúdo: A edificação da frota inglesa;

A pirataria como forma de adentrar nos mares;

A violência promovida pela expansão;

As vantagens para Inglaterra é vantagens para os outros;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo:
Moderna.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 6º série.

Plano de Aula # 6.

Assunto: O Expansionismo francês;

Tema: O império francês.;

Objetivo Geral: Promover promover a discussão de como se deu o processo de expansão dos poderes da França;

Objetivos Específicos: Atentar para os precedentes que tornaram possível a expansão francesa ;

Enfatizar as singularidades desse processo;

Destacar o embate em torno dos seus interesses com a Inglaterra;

Evidenciar a violência no processo desse país;

Conteúdo: Da França medieval à França moderna;

Elementos que possibilitaram seu crescimento;

Seus interesses *versus* interesses ingleses;

A violência promovida pela expansão;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 2º ano.

Plano de Aula # 7.

Assunto: Pré-história americana;

Tema: A origem do homem americano;

Objetivo Geral: Apresentar a (s) origem (ns), o povoamento e o desenvolvimento do homem no continente americano;

Objetivos Específicos: Debater as principais teorias sobre a origem do homem americano;

Discutir de como se deu o povoamento do homem nas américas;

Atentar para a relação do meio ambiente como o desenvolvimento do homem americano;

Conteúdo: A idade do homem americano;

Vestígios arqueológicos nas américas;

Teorias do homem americano;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

TOTA, A. P., 1998. História geral. São Paulo: Nova Cultural.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 2º ano.

Plano de Aula # 8.

Assunto: Pré-história brasileira;

Tema: Vestígios da presença dos primeiros homens em terras brasileira;

Objetivo Geral: Perceber a presença dos primeiros homens no que chamamos hoje de Brasil a partir dos estudos dos sítios arqueológicos e da arte rupestre deixados por esses homens;

Objetivos Específicos: analisar as principais teorias sobre o povoamento dos primeiros no Brasil;

Destacar a importância da Serra da Capivara (PI) para construção da teoria dos primeiros agrupamentos humanos na América e no Brasil;

Salientar a importância da arte rupestre para o estudo dos grupos humanos na pré-história brasileira;

Conteúdo: Vestígios arqueológicos brasileiro;

Sítios arqueológico de litoral

Sítios de interior;

Arte rupestre ;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

TOTA, A. P., 1998. História geral. São Paulo: Nova Cultural.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 2º ano.

Plano de Aula # 9.

Assunto: Os sumérios e sua civilização;

Tema: constituição das Cidades –Estados sumérias;

Objetivo Geral: Destacar a importância da independência dessas Cidades-Estados na constituição do povo sumério;

Objetivos Específicos: Salientar para a importância dos sumérios no processo histórico da formação das primeiras civilizações;

Conteúdo: As primeiras cidades-Estados da mesopotâmia

Hierarquia social suméria ;

Crenças e deuses;

Guerra de Lagash e Ur;

A invasão semita;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

TOTA, A. P., 1998. História geral. São Paulo: Nova Cultural.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 2º ano.

Plano de Aula # 10.

Assunto: Os Acádios e sua civilização;

Tema: Queda suméria *versus* ascensão acádia na mesopotâmia;

Objetivo Geral: Analisar de como se deu o processo de combalimento da civilização suméria e crescimento da civilização acádia;

Objetivos Específicos: Salientar par a importância da cultura suméria na construção da cultura acádia;

Compreender o processo de queda dos sumérios e ascensão dos acádios;

Destacar para a organização da composição social dos acádios;

Resaltar a importância da centralização do império acádio em seu processo de expansão;

Conteúdo: A guerra suméria em Lagash e Ur eo favorecimento da instauração dos acádios;

A unificação das Cidades sumérias e a criação do imperio acádio

Rápida ascensão e queda dos acádios;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

TOTA, A. P., 1998. História geral. São Paulo: Nova Cultural.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 2º ano.

Plano de Aula # 11

Assunto: O Egito Antigo;

Tema: Organização social, religiosa e cultural no antigo Egito;

Objetivo Geral: Entender como se constituiu-se a organização social, cultural e religiosa da civilização egípcia;

Objetivos Específicos: Destacar a importância da religião como elemento organizador da vida social;

Compreender o papel da hierarquização na cultura egípcia;

Analisar a importância do Faraó como elo e ligação entre o social e o religioso;

Destacar o surpreendente desenvolvimento das ciências nessa civilização;

Conteúdo: A hierarquia social;

As crenças e os deuses;

A crença na imortalidade;

Artes e ciências;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo: Moderna.

TOTA, A. P., 1998. História geral. São Paulo: Nova Cultural.

E. E. E. F M. Ana Ferreira da Costa

Orientador: Alarcon Agra do Ó.

Aluno/Professor estagiário: Fabrício J. P. de Araújo.

Série: 2º ano.

Plano de Aula # 12.

Assunto: O Antigo Egito;

Tema: Desenvolvimento político e organização econômica da civilização egípcia;

Objetivo Geral: Compreender de como se deu política e a economicamente a organização da sociedade egípcia;

Objetivos Específicos: Analisar a importância do rio Nilo na organização dessa sociedade;

Destacar a heterogeneidade dos povos na construção da civilização egípcia.

Atentar para a produção agrícola como fator de “evolução” econômica no Egito antigo;

Destacar as relações que o Egito tinha com outros povos e civilizações na configuração de sua política externa;

Conteúdo: O Egito antigo e seus aspectos geográficos;

A organização em torno do Nilo e do Faraó;

As fases do Império Egípcio;

A economia, a produção agrícola e o comércio;

Recursos Didáticos: Lousa e giz;

Livro didático;

Caderno dos alunos;

Metodologia: a aula será ministrada através dos seguintes procedimentos:

Aula expositiva dialogada;

Discussão dos textos didáticos e afins;

Produção textual ao final da aula;

Bibliografia: PILETTE, N. & ARRUDA, J. J. de A., 1999. Toda História: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática.

VILLA, M. & FURTADO, J. P., 2000. História Geral. São Paulo:

Moderna.

TOTA, A. P., 1998. História geral. São Paulo: Nova Cultural.